

# LEO PERUTZ

## O CAVALEIRO SUECO



cavalo de ferro

## Relato preliminar

Maria Christine, nascida Von Tornefeld, enviuvada Von Rantzau, tendo contraído segundo matrimónio com o conselheiro real de Estado dinamarquês e ministro plenipotenciário Reinhold Michael von Blohme, uma beldade muito cortejada nos seus jovens anos, como quinquagenária, pelos meados do século XVIII, escreveu as suas memórias. Esta pequena obra, a que ela deu o título *Retrato rico em cores e figuras da minha vida*, só foi dada ao prelo algumas décadas após a sua morte. No início do século XIX, um dos seus netos tornou-a acessível a um público limitado.

Esse título algo pretensioso, o livro não o assume de um modo inteiramente injustificado. A autora viu, num tempo agitado, uma porção considerável do mundo, acompanhou o seu consorte, o conselheiro de Estado dinamarquês, em todas as suas viagens e até foi parar a Isfahã, à corte do famigerado Nadir Xá. Encontramos nas suas memórias bastante material que também desperta o interesse do leitor de hoje. Por exemplo, num dos primeiros capítulos, um impressionante relato sobre a expulsão dos camponeses protestantes do arcebispado de Salzburgo. Num capítulo posterior, a autora relata a sublevação dos copistas de Constantinopla que tinham perdido o seu ganha-pão devido à fundação de uma tipografia. Sabe narrar a actividade dos benzedores em Reval e a repressão violenta

desta seita de fanáticos de uma forma muito plástica. Para utilizar as suas próprias palavras, foi em Herculano que ela viu as primeiras «descobertas feitas debaixo da terra, estátuas e baixos-relevos esculpidos em mármore», sem, no entanto, tomar consciência da importância desses achados, e, em Paris, fez-se transportar por uma carroça que, «sem cavalos, só pelo seu próprio movimento interior», percorreu onze e meia milhas francesas em menos de duas horas.

Também entrou em contacto com alguns dos mais notáveis espíritos do seu século. Num baile de máscaras em Paris travou conhecimento com o jovem Crébillon – parece que durante um breve intervalo foi sua amante. Com Voltaire teve uma longa conversação numa festa maçónica ocorrida em Lunéville, e alguns anos mais tarde voltou a encontrá-lo em Paris, no dia em que se tornara membro da Academia. Entre os seus amigos também se contaram alguns vultos da ciência, como o senhor de Réaumur e o professor de Física Experimental, o senhor Van Musschenbroek, que inventou a garrafa de Leiden. E não deixa de ter graça a história do seu encontro com o «famoso Mestre de Capela, o senhor Bach de Lípsia», que ouviu tocar órgão em Maio do ano de 1741 na Igreja do Espírito Santo de Potsdam.

A impressão mais forte, porém, é aquela que o leitor recebe daquela parte do livro em que Maria Christine von Blohme, em palavras exaltadas, mas quase poeticamente ternas, evoca o pai, que cedo lhe foi arrancado – a quem ela chama o «cavaleiro sueco». O seu desaparecimento da vida dela e as peculiares e contraditórias circunstâncias em que se produziu esse trágico evento lançaram uma sombra sobre os anos da sua juventude.

Maria Christine von Blohme nascera, de acordo com o seu relato, na herdade dos seus pais na Silésia, e toda a nobreza dos arredores tinha marcado presença para a receber neste mundo. Do seu pai, do «cavaleiro sueco», guardava somente um difuso retrato na sua memória. «Tinha uns olhos medonhos», diz,

«mas quando ele me olhava, sentia-me como se o céu por cima de mim estivesse escancarado».

Quando Maria Christine tinha seis anos, ou talvez um pouco mais, o seu pai abandonou a sua fazenda para rumar à Rússia e para se alinhar «sob os funestos estandartes de Carlos XII», o rei dos suecos, cuja fama corria mundo por essa altura. «O meu pai era de ascendência sueca», escreve, «e as súplicas e lamentações da minha mãe não conseguiram demovê-lo».

Antes de ele abalar, montado no seu cavalo, a criança coseira secretamente um saquinho com sal e terra no forro do seu casaco. Fê-lo a conselho de um dos seus dois palafreiros, que lhe tinha recomendado este como um meio comprovado e infalível de amarrar duas pessoas uma à outra para todo o sempre. Destes dois palafreiros de Sua Senhoria Von Tornefeld ainda se voltará a falar num trecho posterior do livro: Maria Christine von Blohme conta que foi com eles que aprendeu a praguejar e a usar a boca no berimbau, mas que a arte referida em último lugar de nada lhe tinha servido na vida.

Algumas semanas depois de o seu pai ter partido para se juntar ao exército sueco, a pequena Maria Christine foi acordada de noite por alguém que tocava às portadas da janela. Inicialmente pensou tratar-se «do Herodes, uma espécie de rei de conto de fada ou dos fantasmas», que tantas vezes temera encontrar de noite. Mas era o seu pai, o «cavaleiro sueco». Não ficou admirada, sabia que ele deveria voltar, o sal e a terra obrigavam-no a ir ter com ela.

Perguntas sussurradas, palavras ternas pronunciadas em voz baixa, faziam o vai-e-vem entre os dois. Depois ambos se calaram. Ele segurou o rosto dela entre as mãos. Ela chorou um tanto, movida pela alegria do reencontro, mas também porque ele disse que teria de voltar a partir.

Ficou um quarto de hora e depois desapareceu.

Voltou, mas sempre apenas de noite. Por vezes, ela acordava ainda antes de ele tocar às portadas. Às vezes acontecia

ele aparecer duas noites seguidas, outras vezes passavam três, quatro ou cinco noites sem que ele se assomasse. Nunca ficava mais do que um quarto de hora.

Nisto passaram-se meses. Mais tarde, ela tinha dificuldade em explicar o motivo pelo qual a pequena Maria Christine não falou a ninguém, nem mesmo à sua mãe, das visitas nocturnas do «cavaleiro sueco». Não excluía que fosse o «cavaleiro sueco» quem lhe impusesse o silêncio. Também poderá ter temido que não acreditassem na sua palavra, que até se rissem dela e remetessem a sua vivência nocturna para o reino dos sonhos ou da imaginação.

Pela mesma altura em que o «cavaleiro sueco» se apresentava de noite à janela de Maria Christine, estafetas suecos, que vinham da Rússia, do exército, e que mudavam de cavalos na herdade, traziam notícias da sua ascensão no exército sueco.

Pela sua bravura, tinha atraído a atenção do rei e fora nomeado capitão na cavalaria de Westgöta e posteriormente comandante do regimento de dragões de Småland. Na batalha de Golskwa tinha, nesta qualidade, assegurado a vitória às armas suecas pela sua audaciosa intervenção. Após esse evento, o rei tinha-o abraçado e beijado ambas as suas faces diante do exército.

A mãe de Maria Christine estava desgostosa com o facto de «o seu querido e íntimo não lhe ter feito saber *par écrit*» como passava no exército sueco. «Mas», dizia, «em campo não lhe deve ser possível despachar nem mesmo uma linha».

Depois chegou um dia de Verão, um dia de Julho que se gravou na memória da pequena Maria Christine para todo o sempre. «Foi por volta do meio-dia», escreve ela quarenta anos mais tarde, «a minha mãe e eu estávamos no jardim entre as framboesiras e as rosas silvestres, lá onde o pequeno deus pagão jazia na erva. A minha mãe trazia um vestido azul lavanda e ralhava com a gata que tinha pilhado um ninho de

pássaros. Mas a gata quis brincar com ela e arqueou o dorso, fazendo rir a minha mãe. Aí, de repente, foi informada de que um estafeta sueco se encontrava na herdade.

A minha mãe correu para ouvir notícias e não regressou ao jardim. Mas uma hora mais tarde toda a gente na herdade comentava que perto de Poltawa tinha havido uma grande batalha, os suecos tinham sido vencidos e o rei estava em fuga. E depois diziam que agora eu já não tinha pai. Sua Senhoria Christian von Tornefeld, o meu pai, teria tombado logo no início da batalha, uma bala tê-lo-ia varrido de cima do cavalo, e já teriam passado três semanas desde que o haviam enterrado.

Não queria acreditar. Pois ainda não tinham passado dois dias desde que ele tocara à minha janela e falara comigo.

Ao fim da tarde, a minha mãe mandou-me chamar.

Encontrei-a na “sala comprida”. Já não trazia o vestido azul lavanda, e desde essa hora nunca mais a vi envergar outra coisa que não fosse um vestido de luto.

Pegou-me ao colo e beijou-me. De início não conseguia falar.

– Filha! – disse então com voz de choro. – O teu pai tomou na guerra dos suecos. Não vai voltar. Junta as mãos e reza um pai-nosso pela sua alma fenecida.

Abanei a cabeça. Como podia eu rezar pela alma do meu pai se sabia que estava vivo.

– Ele vai voltar – afirmei.

Os olhos da minha mãe voltaram a encher-se de lágrimas.

– Não vai voltar – soluçou. – Está no reino dos Céus. Junta as mãos, faz o teu dever de criança e reza um pai-nosso pela alma do teu pai.

Como não queria entristecê-la mais com a minha desobediência, rezei, mas não pela alma do meu pai, pois esse estava bem vivo. Vi lá fora na estrada um cortejo fúnebre que vinha a descer a colina. Era apenas uma carreta que transportava

o caixão, o cocheiro açoitava o cavalo, e só um único velho, um padre, acompanhava o defunto.

Havia de ser um velho vagabundo que deste modo ia a enterrar. E foi pela alma deste pobre diabo que rezei o padre-nosso e pedi a Deus que lhe desse a bem-aventurança.

O meu pai, porém, o “cavaleiro sueco”, conclui Maria Christine von Blohme o seu relato, «não voltou mais. Nunca mais o seu leve toque me acordou do sono. E como foi possível que combatesse e sucumbisse no exército sueco e, ao mesmo tempo, tantas vezes estivesse de pé no nosso jardim a falar comigo e, se não tombou, porque é que nunca mais veio tocar à minha janela – ao longo da minha vida, tudo isto permaneceu um segredo lúgubre, triste e imperscrutável».

Pretende-se agora narrar a história do «cavaleiro sueco».

É a história de dois homens. Encontraram-se num gélido dia de Inverno, no início do ano de 1701, no palheiro de um lavrador e tornaram-se amigos. E depois seguiram os dois a estrada que de Oppelen, através da paisagem coberta de neve da Silésia, conduzia até à Polónia.

PRIMEIRA PARTE  
O LADRÃO

Ao longo do dia tinham-se mantido escondidos; agora, de noite, percorriam o esparso pinhal. Ambos tinham as suas razões para evitar as pessoas, precisavam de se esforçar para não serem vistos. Um era um vagabundo e ladrão de mercados que tinha fugido à força, o outro era um desertor.

O ladrão, conhecido pela alcunha do Cata-Galuchos, suportava as agruras da caminhada nocturna com facilidade, visto que ao longo de toda a sua vida tinha passado fome e frio no Inverno. O outro, porém, Christian von Tornefeld, sentia-se miserável. Era jovem, quase ainda um rapaz. No dia anterior, quando jaziam escondidos debaixo de uma pilha de esteiras de junco no sótão de uma casa de lavradores, tinha-se gabado da sua coragem e fantasiado a sua felicidade futura e a bela vida que haveria de levar. Dissera ter um primo da parte da sua mãe que era dono de uma herdade por aquelas bandas. Esse haveria de o receber em sua casa e de o abastecer de dinheiro, armas, roupa e cavalo para o ajudar a chegar até à Polónia. E, uma vez transposta a fronteira, tudo estaria ganho. Disse estar farto de servir em exércitos estrangeiros. O seu pai havia abandonado a Suécia porque os senhores conselheiros de Estado lhe tinham tirado os bens oferecidos pela Coroa, atirando-o para a pobreza. Ele, porém, Christian von Tornefeld, mantivera-se sempre suco no seu coração. Onde estaria o seu

lugar senão no exército sueco! Diante do jovem rei, enviado à Terra por Deus para punir a infidelidade dos grandes, esperava afirmar-se pela sua honra. Com apenas dezassete anos, Carlos da Suécia tinha conquistado a vitória de Narva, cuja fama correria mundo. Pois, isso da guerra era uma coisa impecável, desde que uma pessoa tivesse a coragem devida e soubesse usá-la.

O ladrão tinha ouvido tudo isto sem proferir palavra. Quando ainda era moço de lavoura na Pomerânia, recebera oito táleres por ano de salário, e tivera de entregar seis dos mesmos a título de impostos ao rei da Suécia. Os reis haviam sido postos na Terra pelo diabo para asfixiarem e espezinharem o homem comum. E só tinha começado a escutar com atenção quando Christian von Tornefeld principiou a falar-lhe do seu poderosíssimo *arcanum* que iria dotá-lo de valor diante da suprema e cara pessoa de Sua Majestade. O ladrão sabia bem o que um tal *arcanum* significava. Um pedaço de pergaminho benzido, coberto de palavras latinas e hebraicas, tirava uma pessoa de quaisquer apuros. Também ele tivera um em tempos e transportara-o consigo quando se deslocava aos mercados para fazer a sua vida. Por um falso xelim duplo tinha-se deixado convencer a vendê-lo, o dinheiro já lá ia e a sua sorte passara a andar de lado como um caranguejo.

Agora que atravessavam o pinhal coberto de neve e a borrasca lhes açoitava o rosto com grãos de granizo, Christian von Tornefeld já não dizia palavra acerca da sua coragem, da guerra e do rei dos suecos. Arfava enquanto marchava, de cabeça baixa e, quando tropeçava na raiz de uma árvore, expelia um surdo gemido. Tinha fome, nos últimos dias, cascas de beterraba geladas tinham sido o seu alimento, assim como frutos da faia e raízes que tinham desenterrado. Mas o gelo ainda era pior do que a fome. As faces de Christian von Tornefeld assemelhavam-se a uma gaita-de-foles insuflada, os seus dedos haviam-se tornado azuis e hirtos de tão gelados que estavam,

e as suas orelhas doíam-lhe sob o pano que tinha enrolado à volta da cabeça. E enquanto cambaleava através da tempestade sonhava — não com os seus futuros feitos de guerra, mas com espessas luvas forradas com pele de lebre, e com um leito de acampamento nocturno feito de palha empilhada e cobertores para cavalos, mesmo junto ao forno.

Depois de terem deixado atrás de si a floresta, já era de dia. Uma fina camada de neve cobria campos, pastagens e ermos. Galinhas dos prados planavam por cima da paisagem à pálida luz da manhã. Aqui e ali via-se uma bétula solitária, cujos ramos desgrenhados eram sacudidos pela ventania. E a leste estendia-se uma muralha branca, o nevoeiro bulia e ondulava, subia e descia, e o que estava além do mesmo — aldeias, quintas, prados, terras aráveis e florestas —, tudo isso ficava oculto ao olhar.

O ladrão procurava um refúgio onde poderiam ter passado o dia, mas não havia nenhuma casa, nenhum palheiro, nenhuma fossa, nenhum cantinho abrigado entre árvores e arbustos. Mas enxergou outra coisa, e debruçou-se sobre o solo para conseguir ver melhor.

A neve estava revolvida: cavaleiros tinham desmontado ali para descansar. Dos rastos deixados na neve pelas coronhas dos mosquetes e pelos utensílios de sapador, o olho experiente do vagabundo depreendeu que tinham sido dragões quem ali se havia aquecido junto de uma fogueira. Quatro deles tinham partido a cavalo para norte, e três para leste.

Uma patrulha, por conseguinte. A quem dava caça? Ainda de joelhos, o ladrão lançou um olhar na direcção do seu companheiro, que, todo dobrado sobre si, estava sentado a tremer de frio em cima de um marco miliário à beira do caminho. E, ao vê-lo assim sentado nesta figura miserável, compreendeu que não podia contar nada sobre os dragões a esse rapaz, sob pena de este perder de vez a coragem.

Christian von Tornefeld sentiu o olhar que sobre ele repousava. Levantou os olhos e esfregou as mãos geladas.

– O que encontraste na neve? – perguntou com uma voz choramingueira. – Se encontraste beterrabas ou um talo de couve, debes partilhá-los comigo, foi esse o nosso acordo. Ou não jurámos que queremos ajudar-nos um ao outro, e que o que um tiver também o outro deverá ter? Se me vejo em casa do meu primo...

– Que Deus tenha misericórdia, que eu nada encontrei – asseverou o ladrão. – Como queres que encontre beterrabas se este campo está semeado com cereal de Inverno? Só queria ver como está a terra.

Falavam sueco entre eles, uma vez que o ladrão tinha nascido na Pomerânia e servira como moço na exploração de um fazendeiro sueco. Retirou de baixo da neve uma mão-cheia de terra e esboroou-a entre os dedos.

– É terra boa – disse enquanto seguia caminho –, é terra vermelha, a mesma a partir da qual Deus criou Adão. Deverá dar sete dúzias e meia por um alqueire.

Despertara nele o moço de lavoura. Na sua juventude andara atrás da charrua, sabia bem como se devia tratar da gleba.

– Sete dúzias e meia – repetiu. – Mas, cá para mim, o senhorio a quem pertencem estas terras tem um mau administrador e servos negligentes. O que se passa aqui? Um desgoverno: começaram com a sementeira de Inverno com um atraso tremendo. Veio a geada, a grade teve de esperar, e entretanto a semente gelou na terra.

Não havia ninguém que o escutasse. Tornefeld seguia-o a alguma distância, tinha os pés em ferida de tanto andar e gemia a cada passo.

– Bons lavradores e gradadores e semeadores não são difíceis de encontrar por estas bandas – prosseguiu o ladrão. – Parece-me que o senhorio poupa no pessoal, contrata apenas

gente barata que não presta para grande coisa. A leira para a sementeira de Inverno tem de ser sempre mais elevada no meio, de modo que a água desça para os sulcos. O lavrador não teve isso em conta e estragou o campo por muitos anos; haverá ervas daninhas para dar e vender. Aqui, pelo contrário, afundou demasiado a relha e trouxe à superfície terra de má qualidade. Não estás a ver?

Tornefeld não via nem ouvia coisa alguma. Não compreendia porque é que tinha ainda de prosseguir a sua marcha, que continuava e continuava, embora já estivesse de dia e fossem horas de se estender, e o caminho nunca mais chegava ao fim.

— O senhorio também se deixa enganar pelo seu pastor — prosseguia o ladrão o seu raciocínio. — Vi todo o tipo de adubo nos campos: cinza, marga, serradura e barro do jardim, só caganitas de ovelha é que não vi. O esterco de ovelha é bom, serve em todos os campos. Mas o que me quer parecer é que o pastor o vende por sua conta.

E depois começou a reflectir sobre como havia de ser o senhorio que tinha ao seu serviço criados tão preguiçosos, negligentes e aldrabões.

— Um homem de idade provecta — disse. — Já tem dificuldade em andar, tem gota nas pernas, não sabe o que se passa nos seus campos. Passa o dia inteiro sentado diante do forno quente com o cachimbo na boca a besuntar as pernas com sumo de cebola. Acredita piamente no que lhe dizem os seus criados e, por isso, é enganado à força toda.

Mas de todo aquele discurso Tornefeld apenas retivera uma coisa, nomeadamente que o seu companheiro estava finalmente a falar de um forno quente. Aquilo em que acreditava não era outra coisa senão que dentro de momentos haveria de entrar num quarto aquecido, e pensamentos sonâmbulos apoderaram-se do seu cérebro.

— Hoje é dia de São Martinho — balbuciava. — Dia que, na Alemanha, se passa inteirinho a comer e a beber. Todos os fogões

fumegam, todas as frigideiras suam, e os fornos dos camponeses abarrotam de pão *pumpnickel*. Ao entrarmos na pequena sala, o lavrador já vem ao nosso encontro e dá-nos o melhor pedaço do ganso. A acompanhar, uma caneca de cerveja de Magdeburgo, seguida de *rosolio* e de amarguinha espanhola, a isso é que chamo um banquete! Esvazia o copo, irmão! À saúde! Viva, irmão! Deus o abençoe!

Parou e acenou com o copo que julgava ter nas mãos, fazendo vénias para a direita e para a esquerda. Foi aí que escorregou, e teria caído de chapa, mas o ladrão agarrou-o pelo ombro e segurou-o.

— Olha em frente e pára de sonhar! — disse. — O dia de São Martinho há já muito tempo que passou. E agora toca a marchar, e não cambalear como uma velhinha agarrada à sua cana.

Tornefeld arrebitou sobressaltado e voltou a si — e tudo tinha desaparecido, o camponês e o fogão que fumegava, o ganso na travessa e a cerveja de Magdeburgo, e ele estava em pleno campo aberto e o vento gelado soprava-lhe na cara. Então a miséria voltou a cair-lhe em cima, em lado algum ele via algo ou alguém que ajudasse, em lado algum, um fim à sua desgraça e, deixando-se cair, estendeu-se no chão.

— Enlouqueceste de vez?! — exclamou o ladrão. — Queres ficar para aí deitado? Se te apanharem, o que te espera? O bastão, a forca, a golilha ou o cepo.

— Pela misericórdia de Deus, deixa-me aqui deitado que não posso mais — gemeu Tornefeld.

— Levanta-te — instou-o o ladrão. — Queres passar pelas varetas ou ser enforcado?

E de repente apoderou-se dele a raiva por se ter associado a esse rapaz que não sabia senão lamentar-se e esticar as pernas. Se tivesse ficado por sua conta, já há muito que estaria em segurança. Só esse rapaz teria a culpa se os dragões o apanhassem. E, enfurecido com a sua própria estultícia, descompô-lo.

– Para que é que te escapaste do teu regimento se tens tanta vontade de ir para a forca? Devias ter-te deixado logo executar, que tanto tu como eu teríamos ficado melhor.

– Quis salvar a minha vida, foi por isso que me escapei – disse Tornefeld com um gemido surdo. – O tribunal de guerra condenou-me à morte.

– Quem te mandou bater no teu capitão na cara, meu tolo? Devias ter-te encolhido e esperado por bom tempo. Terias continuado um mosqueteiro e neste momento podias viver desafogadamente. Agora estás para aí deitado e de cara à banda.

– Ele injuriou a sublime pessoa de Sua Majestade – sus-surrou Tornefeld de olhar fixo. – Chamou-lhe um rapazote sem eira nem beira e um Baltasar orgulhoso que passa a vida com o Evangelho na boca para assim desviar a atenção das suas patifarias. Não teria sido um malandro se o deixasse falar assim do meu rei?

– Eu prefiro seis malandros a um tolo. Por que carga de água te preocupas com o rei?

– Fiz o meu *devoir* de sueco, de soldado e de fidalgo – respondeu Tornefeld.

Por um momento, o ladrão tinha pensado em deixar o rapaz por aí deitado e ir à sua vida. Mas agora, ao ouvir estas palavras, ocorreu-lhe que também ele tinha a sua honra, a honra de vagabundo, e que este rapaz, por muito orgulhoso que fosse o seu discurso, ao estar para ali deitado daquela forma, já não era fidalgo algum, mas, tal como ele, o ladrão, fazia parte da grande fraternidade da miséria, e que não podia deixá-lo assim entregue à sua sorte se não quisesse perder a sua honra. E pôs-se novamente a insistir com ele:

– Levanta-te, irmão, peço-te por tudo, os dragões estão no nosso encalço, querem apanhar-te. Em nome de Jesus, queres levar-nos à forca? Pensa no chefe da guarda, pensa nos moços das varetas! Lembra-te de que, no exército imperial, fazem

correr os desertores nove vezes em torno da forca à pancada antes de os enforcarem.

Tornefeld levantou-se e olhou em seu redor com um ar perturbado. Entretanto, o vento tinha rasgado o véu de nevoeiro a leste, abrindo ao olhar uma vasta paisagem. E o ladrão apercebeu-se de que estava no bom caminho e perto do seu destino.

Viu diante de si o moinho abandonado e, por detrás dele, caniçais e pântanos e charneças e colinas e florestas negras. Conhecia-as bem, as florestas e as colinas, era a herdade episcopal com o seu martelo-pilão e a britadeira, com as suas pedreiras e fornos de fundição e de cal. Aqui reinavam o fogo e o Bispo autoritário que em todo o país tinha a alcunha de «embaixador do diabo». E o ladrão tinha a impressão de ver, longe, junto ao horizonte, as labaredas dos fornos de cal de que em tempos fugira. Fogo e mais fogo para onde se olhava, violeta e vermelho-escuro e negro de fumo. Ali gemiam, cravados à carreta, os mortos-vivos, ladrões rurais e vadios que tinham sido seus irmãos — para fugir da forca, tinham-se refugiado no Inferno. Tal como ele também tinha feito, arrancavam à mão desarreada calhaus às pedreiras do Bispo, um após o outro, durante toda uma vida, tiravam as escórias incandescentes da fornalha, passavam o dia e a noite diante da boca em brasa sob o estreito telheiro de madeira a que chamavam «caixão», o fogo queimava-lhes a frente e as faces — já não o sentiam —, só sentiam o chicote com que o bailio do Bispo e os seus algozes os incitavam ao trabalho.

Era para ali que o ladrão queria regressar, era o último refúgio que lhe ficara, porque nesta terra havia mais forcas que torres de igreja, e ele sabia que o cânhamo para a corda em que devia ser enforcado já estava cardado e maçado.

Virou-se para o outro lado, e o seu olhar recaiu sobre o moinho. Havia muitos anos que estava abandonado, a porta trancada, as portadas fechadas. O moleiro estava morto. Dizia-se que se tinha enforcado porque o bailio ou o vigário do Bispo

tinha arrestado o moinho, o burro e os sacos da farinha. Mas o ladrão reparou que as pás estavam a rodar, que o grande eixo central rangia, e da chaminé da casa do moleiro saía fumo.

Havia uma lenda que corria em todo o país, e o ladrão conhecia-a. Os camponeses sussurravam uns aos ouvidos dos outros que o moleiro morto saía do seu sepulcro uma vez por ano e punha o seu moinho em marcha por uma noite para poder pagar ao Bispo um centavo da sua dívida. Mas tudo isso era conversa fiada, o ladrão sabia-o. Os mortos permaneciam nas suas tumbas, e agora era de dia e não de noite. E se as pás rodavam à luz do sol de Inverno, isso não significava mais nada senão que o moinho tinha um novo dono.

O ladrão esfregou as mãos e encolheu os ombros.

– Parece – disse – que por hoje teremos um tecto por cima das nossas cabeças.

– Uma trinca de pão e um fardo de palha é tudo o que desejo – murmurou Tornefeld.

O outro riu-se.

– Achavas que te esperava uma cama de penas com cortinas de seda? – escarnecia. – E talvez uma *potage* francesa e vinho húngaro a acompanhar?

Tornefeld não respondeu. E ambos, o ladrão e o fidalgo, subiram o caminho que conduzia ao moinho.

A porta não estava trancada, mas o moleiro não se via em lado nenhum, nem na pequena sala, nem no pequeno quarto de dormir; procuraram-no em vão no sótão, e mesmo no moinho ele não estava. Ainda assim a casa tinha de estar habitada, uma vez que no fogão se consumia um pouco de lenha em lume brando, e em cima da mesa se encontrava uma travessa com pão e chouriço, assim como um jarro cheio de cerveja leve.

O ladrão olhou em seu redor desconfiado, pois conhecia as pessoas e sabia que aquela mesa não estava posta para gente

que não tinha no bolso nem um tostão furado. Ele teria preferido sair pela surra com o pão e o chouriço. Mas, agora que estava na pequena sala aquecida, Tornefeld tinha recobrado toda a sua coragem. Empunhando a faca do pão, sentou-se à mesa como se tivesse sido para ele que o moleiro havia fumado e assado o chouriço.

— Bebe e come, irmão! — disse. — Nunca na tua vida recebeste um convite mais sincero. Eu responsabilizo-me por tudo o que nós os dois consumirmos. Bebe, irmão! À tua saúde e a todos os valentes soldados! *Vivat Carolus rex!* És luterano, irmão?

— Sou luterano ou papista, conforme o mundo o queira — afirmou o ladrão ao atirar-se ao chouriço. — Quando vejo os crucifixos junto aos caminhos e as casinhas de santos, declamo a todos os que encontro um *Ave Maria gratia plena* e, quando atravesso terras luteranas, acrescento o reino, o poder e a glória ao pai-nosso.

— Isso não vale — disse Tornefeld e alongou as pernas debaixo da mesa. — Não podemos estar ao mesmo tempo com São Pedro e São Paulo. Continua assim e hás-de apodrecer na eternidade. Eu pertença à Igreja Protestante, rio-me e escarneço do papa e dos seus mandamentos. O Carlos da Suécia é o refúgio de todos os luteranos. Bebe comigo à sua saúde, e morte a todos os seus inimigos!

Ergueu o seu copo e esvaziou-o, e em seguida prosseguiu:

— Agora até o príncipe eleitor da Saxónia se aliou contra ele com o czar moscovita. Dá-me vontade de rir. É como se um bode e um boi se juntassem para vencer o nobre veado. Aproveita, irmão, regala-te. Aqui sou taberneiro e cozinheiro, criado e caseiro, tudo reunido na mesma pessoa. Na verdade, a cozinha não oferece grande coisa. Gostaria de comer uma omeleta ou um bocado de carne assada, porque o meu estômago anseia por algo quente.

– Mesmo assim, ontem não desprezaste tão-pouco um prato frio e andaste todo atarefado a apanhar cascas de beterraba geladas do chão – escarneceu o ladrão.

– Pois, irmão – disse Tornefeld. – Foram dias difíceis, canseiras indescritíveis, não pensei que haveria de lhes resistir. Já via o meu cortejo fúnebre, as luzes, as coroas, os gatos-pingados e o caixão de madeira. *Enfin*, estou vivo, graças a Deus, tenho uma *salvanguardia* que me protege das gadanhas da morte. E daqui a duas semanas estarei ao lado do meu rei na trincheira.

Bateu com a mão no bolso do casaco em que conservava aquilo que designava pelo seu *arcanum*. Depois aguçou os lábios e assobiou uma sarabanda, tamborilando com os dedos o compasso a condizer.

O ladrão voltou a encher-se de uma raiva àquele rapazola nobre que pouco antes jazera na neve tão miserável e desalentado; a muito custo tinha conseguido trazê-lo até àquele local, e agora estava para ali sentado e assobiava como se todas as ruelas lhe fossem estreitas, e o mundo demasiado pequeno. Ele, o ladrão, já não tinha mais nada a esperar senão ser um morto entre mortos na britadeira e no forno de fundição flamejante do Bispo. Àquele rapaz, pelo contrário, era concedido correr mundo com o seu *arcanum*, a fim de saquear e ganhar honra. O ladrão teria dado a sua vida para ver esse celebér-rimo *arcanum*, e tentava picar Tornefeld para ver se lho mostrava.

– Não me leves a mal, irmão – disse ele –, mas tu vais para a guerra como quem vai à quermesse. Eu acho que devias malhar o cereal a um lavrador e varrer-lhe os estábulos. Pois a guerra é um pedaço de pão duro de roer, acredita-me, para o morder há que ter outros dentes além dos que tens na boca.

Tornefeld parou de tamborilar e de assobiar.

– Eu não me envergonharia de ser o criado de um lavrador – respondeu. – É uma condição honesta; foi enquanto

estava a malhar que o anjo apareceu a Gideão. Mas nós, fidalgos suecos, nascemos para a guerra, não servimos para acarretar cereal e varrer o estábulo a um lavrador.

– O que eu queria dizer era só que tens mais categoria para estares refastelado atrás do forno do que a enfrentar o inimigo em campanha – disse o ladrão.

Tornefeld manteve-se calmo, só a sua mão tremia, e voltou a pousar o jarro, do qual se aprestara a beber, em cima da mesa.

– Far-me-ei útil em tudo o que compete a um soldado honesto – replicou. – Os Tornefeld sempre foram soldados, porque haveria eu de estar deitado atrás do forno? O meu avô, que era coronel, comandou, junto a Lützen, o regimento azul, esteve de pé ao lado do seu rei, Gustav Adolf, e cobriu-o com o seu corpo quando este caiu do cavalo. E o meu pai participou em onze batalhas e recontros, e na tomada de assalto de Saverne perdeu o braço. Mas o que sabes tu, meu irmão, de Saverne e de tudo o que lá se passou com raios, coriscos e trovões, fumurada e gritaria, avanços, recuos, tocar a rebate, tambores e cornetas, reagrupamentos e novos ataques. Que hoje torram lúpulos e tecem tapetes em Saverne, talvez o saibas, mas além disso não sabes coisa nenhuma.

– Ainda assim partiste da tua companhia como um malandro – respondeu o ladrão –, abandonaste o teu regimento coberto de vergonha. Vi-te deitado na neve a chorar. Não tens estofos para ser soldado, não vais querer montar guarda, construir barricadas e lançar assaltos e suportar o gelo e a miséria.

Tornefeld calou-se. Ficou sentado, de cabeça baixa, a olhar fixamente para as brasas no forno.

– O que me quer parecer – prosseguiu o ladrão com tenacidade – é que tu, quando ouvires os tambores tocar a rebate, vais ter medo de perder a tua vida de dez tostões. Vais procurar a boca de uma fornalha ou uma chaminé e vais meter o rabo entre as pernas.

– Não me apraz tolerar – disse Tornefeld em voz baixa – que na minha pessoa injurias a honra da aristocracia sueca.

– Se o toleras ou deixas de tolerar é-me igual ao litro – exclamou o ladrão. – Para mim, todos os aristocratas são cabeças de alfinete e arruaceiros, e não dou nem uma fivela de sapato pela sua honra de fidalgos.

Nesse momento, Tornefeld levantou-se de um salto e ficou especado, pálido de raiva e vergonha, e como não encontrou outra arma, agarrou no jarro de cerveja e brandiu-o na direcção do ladrão.

– Agora nem mais uma palavra – balbuciou –, está em jogo a tua vida.

Mas o ladrão já havia muito que empunhava a faca do pão.

– Ai é? Então vem daí! – disse a rir. – Para que é que estás para aí a ameaçar-me, se eu não tenho medo de ti? Agora mostra lá o teu *arcanum* para ver se te deixa invulnerável. Caso contrário vou espetar-te tantos furos...

Emudeceu e ambos baixaram as suas armas, um, a faca do pão, e o outro, o jarro da cerveja. De repente aperceberam-se de que se encontravam três pessoas naquela sala.

No banco do forno estava sentado um homem que tinha uma cara que parecia cabedal espanhol, pálida, amarelada, enrugada e cheia de pregas, e os olhos achavam-se cravados na sua cabeça como duas cascas de noz ocas. Trazia um gibão de fazenda vermelha e um largo chapéu de cocheiro e, em cima do chapéu, uma pena, e os canos das suas pesadas botas de montar chegavam-lhe até aos joelhos. E como estava ali sentado em silêncio com os seus dentes descobertos e as suas trombas tortas, o medo apoderou-se de ambos, e o ladrão percebeu que aquele era o moleiro morto que tinha vindo do Purgatório para ver como estavam as coisas no seu moinho. E, por trás das costas de Tornefeld, benzeu-se discretamente, invocando ao mesmo tempo o sofrimento e as chagas e a água e o sangue

de Jesus, pensando que deste modo o espectro desapareceria imediatamente no meio de muitos vapores de enxofre e fedor e voltaria para o Purgatório. Mas o homem do gibão vermelho conservava-se ali e não se mexia, estava ali sentado e fitava os outros dois com o olhar, como uma coruja que se prepara para desferir uma bicada.

– Como é que o senhor entrou aqui? – perguntou Tornefeld com os dentes a bater. – Não o vi chegar.

– Uma velhinha trouxe-me numa jarra – disse o homem com um riso surdo, e com uma voz tão abafada como quando se atira pazadas de terra para cima da terra. – E vós? O que procurais aqui? Comeis o meu pão e bebeis a minha cerveja, e parece que eu devo dizer: Que Deus vos abençoe!

– Tem uma aparência tal que mais parece que o diabo o pôs de molho durante dez anos – proferiu o ladrão para si próprio a meia-voz.

– Cala-te! Está quieto! Ele pode tomar isso como uma ofensa – sussurrou-lhe apressadamente Tornefeld. E depois disse em voz alta: – O senhor queira desculpar-me. Lá fora está tudo gelado como pedra e osso, e os tempos estão numa situação de tal forma emaranhada que há três dias que não meto na boca nem sequer uma dentada de pão, e Deus sabe-o bem. Por isso, eu próprio me fiz convidado aqui para a sua mesa...

– Tem uma aparência tal que mais parece que uma doninha lhe soprou na cara – murmurou o ladrão com os seus botões.

– ... se bem que não tenha tido a honra de lhe ser apresentado – prosseguiu Tornefeld fazendo uma vénia. – No entanto, não me pouparei à *reconnaissance* devida.

O ladrão bem via que este não era o modo indicado de se falar com um fantasma, e também lhe ocorreu que, com a pressa e dado o seu estado de confusão, tinha pronunciado uma bênção errada. Pois o sangue e as chagas de Cristo invocavam-se contra a hidropisia, a varíola ou a gangrena, mas não para

esconjurar fantasmas. Todavia, ainda antes de conseguir recitar a bênção indicada, o homem com o chapéu de cocheiro em cima da cabeça dirigiu-lhe a palavra:

– Olhas-me, ó rapaz, com cara de quem sabe quem eu sou.

– Sei muito bem quem é o senhor – disse o ladrão com voz angustiada – e também sei de que reino veio. O senhor veio da Casa de Nobis, onde as labaredas saem das janelas e onde as maçãs se assam no parapeito.

Via diante dos seus olhos o Purgatório, o abismo em brasa, a hospedaria das almas malditas. Era essa a Casa de Nobis. Mas o homem do gibão vermelho fingiu acreditar que o ladrão se estava a referir à herdade episcopal e aos fornos de fundição e aos fornos de cal, dos quais labaredas de fogo e línguas de fumo subiam ao céu dia e noite.

– Vejo que não me conheces – respondeu. – Não sou nenhum dos fundidores e moldadores e guarda-fornalhas e operários de Sua Excelência o Bispo.

Lá fora, os flocos de neve rodopiavam no ar. O ladrão deu um passo em direcção à janela e apontou as pás do moinho de vento, que agora estavam imóveis.

– Parece-me – disse com a voz embargada – que o senhor é o mesmo moleiro que se furtou ao mundo com uma corda enrolada ao pescoço e que agora mora no abismo em chamas.

– Exactamente! Sou esse mesmo moleiro – exclamou o homem do gibão vermelho e levantou-se do banco do forno e começou a andar para a frente e para trás na pequena sala. – Sim, sou o moleiro, e é verdade que, numa hora ruim, tentei separar-me do mundo com uma corda. Mas foi nessa altura que, do lado da herdade episcopal, chegaram o bailio e os seus moços, que me libertaram da corda, e o cirurgião militar sangrou-me. Restituíram-me a vida e agora estou ao serviço de Sua nobre Excelência o Bispo, como cocheiro, e corro a estrada militar de lés a lés e levo-lhe mercadorias de todos os países e cidades, de Veneza, de Malinas, de Varsóvia e de Lião. E vós?

Qual é o vosso mister e conduta de vida? De onde vindes, para onde ides?

O ladrão seguia o homem, que atravessava a pequena sala acompanhado do ruído das suas esporas, com um olhar irrequieto. Tinha a sensação de que aquele homem, há muito defunto e desejoso de se fazer passar por um ser humano de carne e osso, sabia muito bem com quem tinha o prazer de estar a falar e que ele, o ladrão, tinha passado toda a sua vida a roubar tudo o que lhe chegara às mãos: toucinho, ovos, pão e cerveja, os patos do charco e as nozes da árvore. Por isso, preferiu nada dizer acerca do seu mister. Apontou com a mão trémula as florestas obscuras em que se situavam o martelo-pilão e a britadeira e respondeu:

– Quero ir para além e tentar ganhar por lá o meu pão.

O moleiro produziu o seu riso surdo e esfregou as mãos ossudas.

– Se é para ali que desejas ir – proferiu –, não vais tardar a ver o assunto resolvido. Sua nobre Excelência é um bom patrão para se servir. Terás todos os dias uma libra de pão na mão e meia na sopa. A acompanhar, banha a dois centavos, ao serão uma compota, e ao domingo enchido de cevadinha e carne de carneiro estufada.

O ladrão cerrou os olhos. Os tempos tinham sido ruins, em dez dias só por uma única vez tivera na boca um petisco quente e foi quando abateu e assou uma gralha. Inspirou o ar pelas narinas, como se a travessa de carne já estivesse à sua frente em cima da mesa.

– Carne de carneiro estufada – balbuciou. – Temperada com cominhos.

– Com cominhos e noz-moscada – afiançou o moleiro.  
– Vais receber um tratamento honesto.

Voltou-se para Tornefeld.

– E tu? Estás aí espetado como uma imagem de santo, tens língua e não dizes palavra. Também procuras uma boa

vida? Achas que Sua Excelência o Bispo tem obrigação de alimentar todos os mandriões e lambedores de painéis?

Tornefeld abanou a cabeça.

– Eu não fico nesta terra – declarou. – Vou atravessar a fronteira.

– A fronteira? Queres ir a Kielce conhecer o paladar da broa de mel e pimenta com aguardente polaca?

Tornefeld mantinha-se erecto e imóvel, como se já estivesse em formatura.

– Quero servir o meu senhor, o rei da Suécia.

– O rei da Suécia! – exclamou o moleiro, e a sua voz assumiu de repente uma tonalidade estridente. – Pois, esse está mesmo à tua espera para o aconselhares sobre como correr com o câ dos tártaros e o imperador da China. Tem medo de que as pernas se lhe inchem se não conseguirem ganhar honra e glória suficientes. Queres procurar a tua *fortune* no exército sueco? Pois o que vais ter são quatro centavos ao dia, que vais gastar em giz, pó, cera para os sapatos e lixa. A sorte de um soldado, recorda-te, é como o cereal na terra arenosa de um pobre. Não quer medrar.

– Mesmo assim decidi ir para a guerra dos suecos – afirmou Tornefeld.

O moleiro aproximou-se tanto dele como se quisesse ver o branco dos seus olhos. Lá fora, a borrasca sibilava e as vigas do telhado da casa do moleiro rangiam sob o peso da neve. Mas na pequena sala reinava o silêncio, não se ouvia senão a respiração das três pessoas que ali se defrontavam.

– Meu tolo! – exclamou o moleiro, após um compasso de espera. – És um filho da morte, se ninguém te ajudar. Uma libra de chumbo dá dezasseis balas, e uma delas já está fundida para ti. Agora todos os tolos deste mundo querem ir para o exército sueco, e quando lá chegarem vão chorar baba e ranho. De que é que fugiste? Da charrua, da agulha, do banco de sapateiro ou do tintureiro?

Nos primeiros anos do século XVIII, numa Europa em convulsão, ainda mergulhada na superstição e no Antigo Regime, atravessada por brigantes e dragões dos exércitos combatentes na Grande Guerra do Norte, que opõe o jovem imperador sueco à aliança formada pelas restantes potências da região, um comum ladrão acossado pelas autoridades locais para se furtar a um destino que o condenará ao patíbulo firma um pacto com um moleiro espectral e rouba a identidade a um jovem cavaleiro sueco, tornando-se imprevisivelmente num dos potentes do mundo.

Dramático, cómico, repleto de peripécias e aventuras, *O Cavaleiro Sueco* partilha com *O Marquês de Bolibar* o estatuto de obra-prima de Leo Perutz. Conjugando elementos históricos e fantásticos, num cenário de ferro e fogo, o romance revisita uma temática distintiva da obra do autor — a troca de identidades num mundo desencantado e em desordem.

«Um artifice de primeira linha.»

**Graham Greene**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [cavalodeferro](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-641-3



9 789895 836413